

## INTERCÂMBIO VIRTUAL E JUSTIÇA SOCIAL: DISCUTINDO MIGRAÇÕES, RAÇA E RACISMO ENTRE O BRASIL E OS EUA

VIRTUAL CLASSMATES FOR SOCIAL JUSTICE: DISCUSSING MIGRATIONS, RACE,  
AND RACISM BETWEEN BRAZIL AND THE U.S.

Rafael Cardoso de Mello<sup>1</sup>  
Michelangelo Giampaoli<sup>2</sup>

**RESUMO:** O artigo apresenta os resultados de um projeto de intercâmbio virtual nos idos de 2022 e 2023, realizado como parte do programa Global Learning Experience (GLE), entre uma instituição norte-americana (DePaul University, em Chicago) e uma brasileira (Centro Universitário Barão de Mauá, em Ribeirão Preto). Nesta ação os autores compartilham os resultados obtidos a partir da promoção de debates sobre justiça social, raça e racismo em ambos os países. As disciplinas envolvidas exploraram conceitos como etnia, multiculturalismo, preconceito e violência estrutural, com metodologias que incluíram análise de músicas, filmes e discussões críticas. Apesar de desafios logísticos e linguísticos, o projeto destacou avanços significativos na compreensão intercultural e nas competências comunicativas dos participantes, demonstrando o potencial transformador do intercâmbio virtual na educação global.

**Palavras-chave:** Intercâmbio virtual. Justiça social. Racismo.

**ABSTRACT:** The article presents the results of a virtual exchange project conducted between 2022 and 2023 as part of the Global Learning Experience (GLE) program. This initiative involved a collaboration between DePaul University in Chicago, USA, and Centro Universitário Barão de Mauá in Ribeirão Preto, Brazil. The authors discuss the outcomes of fostering intercultural dialogues on social justice, race, and racism in both countries. The courses explored concepts such as ethnicity, multiculturalism, prejudice, and structural violence, employing methodologies and activities that included analyzing music, film, and engaging in critical discussions. Despite navigating logistical and linguistic challenges, the project underscored substantial advancements in intercultural understanding and participants' communication skills, showcasing the transformative potential of virtual exchange in global education.

**Keywords:** Virtual exchange. Social justice. Racism.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação/USP. Coordenador do curso de pós-graduação em “História, Cultura e Sociedade” do Centro Universitário Barão de Mauá (Ribeirão Preto/SP, Brasil).

<sup>2</sup> Doutor em Etnologia e Antropologia (Université de Paris Nanterre) e Mestre em Conservação do Patrimônio Cultural e em Ciências Antropológicas (Università degli Studi di Perugia). Professor na De Paul University (Chicago) e na UIC – University of Illinois Chicago (EUA).

## INTRODUÇÃO

O Global Learning Experience (GLE) é uma específica forma de intercâmbio virtual, implementada pela DePaul University em Chicago, que conecta estudantes e professores de diferentes partes do mundo por meio de experiências colaborativas facilitadas pela tecnologia e pelas plataformas de ensino/aprendizagem virtual<sup>3</sup>. Entre os seus objetivos principais, espera-se que os envolvidos nesta experiência - principalmente os estudantes, mas também os professores - possam desenvolver análise crítica e colaborativa de problemas transnacionais, promovendo para além da consciência cidadã global, compreensão da interdependência e de como as realidades dos dois países estão conectadas, além da ampliação das habilidades e competências para resolver desafios complexos (Guo-Brennan, 2022).

Em 2022, os autores deste artigo apresentaram para a DePaul University um projeto desta natureza, intitulado “Social Justice Across America(s): Migrations, Races, and Racism in the U.S. and Brazil”, com o objetivo de promover a compreensão intercultural e a discussão crítica sobre justiça social, migrações e racismo nos dois países. Tanto a instituição norte-americana quanto o Centro Universitário Barão de Mauá no Brasil aprovaram o projeto, que foi concretamente realizado dentro de poucos meses após a aprovação.

A concepção do projeto parte das atividades que ambos os professores-pesquisadores desenvolvem nas instituições às quais estão ligados. Enquanto o professor Michelangelo ministra a disciplina “Race, Power and Resistance”, o professor Cardoso ministra a disciplina “História, cultura africana e afrodescendente”<sup>4</sup>.

Quanto a primeira disciplina, articulada a um programa de créditos da instituição norte-americana, seu objetivo central é oferecer aos alunos de diferentes cursos a oportunidade de aprender sobre diversos tópicos relacionados à construção e experiência de raça, racismo e antirracismo nos Estados Unidos. Ao longo das aulas, os alunos investigam as raízes históricas interligadas das desigualdades raciais relacionadas a diferenças como classe, etnia, gênero, idade, língua, religião, habilidade e orientação sexual, examinando experiências e perspectivas

---

<sup>3</sup>Mais informações podem ser encontradas em: <https://offices.depaul.edu/global-engagement/student-resources/Pages/global-learning-experience.aspx>.

<sup>4</sup> Vale ressaltar que os alunos da disciplina “Race, power and resistance” advêm de cursos distintos (Criminologia, Psicologia, Economia, Letras), dado a natureza dos percursos formativos e da organização dos currículos da IES norte-americana: é parte do “Liberal Studies” (formação geral) e atende a um requisito curricular obrigatório, sem pré-requisitos específicos e com foco em temas de justiça social e desigualdades estruturais. Já a disciplina “História, cultura africana e afrodescendente” é obrigatória para os alunos de licenciatura plena em História e é oferecida no oitavo (e último) semestre da matriz curricular da IES brasileira. Portanto, as experiências acadêmicas dos dois públicos são significativamente diferentes, o que apresenta ao mesmo tempo um desafio e uma oportunidade.

de grupos historicamente racializados, além de desenvolver perspectivas críticas sobre a questão da ‘raça’ e do racismo. Temas como a diferença entre os conceitos de ‘raça’ e de ‘etnia’, o racismo sistêmico sofrido pelas comunidades afro-americana e indígena, a construção de uma visão menos estereotipada do ‘outro’ são alguns dos objetivos primários deste curso.

Já, quanto ao professor Cardoso, é importante destacar que está dentro de um projeto de formação de professores em um curso de licenciatura plena em História. Portanto, ao terminarem a disciplina, os alunos deverão ser capazes de contrastar as experiências étnico-raciais existentes no Brasil (e, no contexto do intercâmbio, em relação com comparativa com os Estados Unidos), com atenções direcionadas a conceitos fundamentais (etnia, raça, racismo, identidade, poder, discriminação, preconceito, democracia racial), com ênfase no protagonismo negro (movimentos sociais, resistências e integrações) e nas determinações (limites e possibilidades) concernentes às Leis 10.639/03 e 11.645/08 para o ensino de História Africana e Afro-Brasileira – tópicos específicos para a formação destes profissionais e registrados no Projeto Político Pedagógico do curso (Centro Universitário Barão de Mauá, 2022).

Ou seja, tendo em vista as aproximações das duas disciplinas, a parceria entre os dois componentes curriculares objetivou desafiar os estudantes a analisar e desconstruir conceitos-chave como raça, etnia, migração e multiculturalismo, explorando as relações problemáticas entre populações majoritárias e minoritárias, bem como entre diferentes minorias nos dois países: ambos gigantes do continente americano, os dois países possuem tanto características em comum (a geografia continental, uma história de colonialismo, migrações de países diferentes, a escravidão, a questão dos povos indígenas, etc.) quando dinâmicas históricas e sócio-políticas bem específicas. Entre os objetivos do projeto, pretendeu-se que os alunos fossem, ao cabo, capazes de analisar de forma crítica e transcultural as diferenças socioculturais apresentadas e suas implicações aos grupos minoritários, além de comparar as realidades sociais dos países, no que tange às discussões propostas, construção da alteridade e preconceito na visão do outro. Estava previsto também, entre os objetivos, que fossem capazes de identificar exemplos concretos de violência estrutural e simbólica, exclusão social e empoderamento comunitário não apenas na realidade externa, mas naquela em que vivem e se relacionam cotidianamente, justamente utilizando a realidade do país parceiro como oportunidade para uma leitura mais crítica e menos enviesada (menos etnocêntrica) da própria. Ao final, os autores tinham como objetivo não somente a transferência de conceitos, informações e dados sobre os dois países, mas também o desenvolvimento da empatia e do respeito por perspectivas diversas.

Desta feita, este texto pretende apresentar os principais aspectos, objetivos, desafios e resultados desta atividade de intercâmbio virtual considerando os seguintes: primeiramente, reconstruiremos a historicidade que envolveu a parceria aqui denominada de “GLE”, depois, responderemos, nos limites deste projeto, às contribuições oferecidas para o combate ao racismo e outras formas de violência nos países envolvidos.

## O “GLE – GLOBAL LEARNING EXPERIENCE” E O CONTEXTO PARA O INTERCÂMBIO ENTRE BRASIL E ESTADOS UNIDOS

Em outubro de 2021, os autores participaram de um Workshop virtual denominado “Virtual Exchange design and implementation workshop”. O evento, organizado pela DePaul University, apresentou o projeto GLE e demonstrou, por meio de exemplos de ações anteriores, como as atividades mediadas por tecnologia podem aproximar culturas e estudantes de países diferentes pelo mundo.<sup>5</sup>

Como resultado deste evento, ambos protocolaram proposta de intercâmbio virtual junto aos alunos das instituições em que são docentes – a DePaul University (localizada na cidade de Chicago, nos Estados Unidos) e o Centro Universitário Barão de Mauá (em Ribeirão Preto, interior do estado de São Paulo, Brasil).

Inicialmente, o projeto foi então denominado de “Social Justice Across America(s): Migrations, Races and Racism in the U.S. and Brazil” e, como já mencionado, objetivou desconstruir termos-chave como raça, etnia e multiculturalismo em ambos países, centrados muitas vezes na relação problemática entre a maioria da população e as suas minorias - em particular as comunidades afro-americanas e indígenas - e entre diferentes minorias que vivem na mesma estrutura social. Por meio de análises crítica, científica e transcultural da justiça social nos EUA e no Brasil, o projeto propôs identificar semelhanças e diferenças entre as duas sociedades, oferecendo aos alunos materiais, propostas e atividades que os ajudassem a trabalhar (e, concretamente, a perguntar e tentar responder) questões relevantes como a dimensão histórica do racismo, a violência estrutural e sistêmica, a violência simbólica, o preconceito, o acesso aos direitos de cidadania, as necessidades comunitárias e o empoderamento.

---

<sup>5</sup> Este tipo de atividade é parte de um mais amplo interesse da DePaul University pelo uso e a difusão de práticas de ensino e aprendizagem baseadas em experiências virtuais; a mesma universidade participa ativamente de eventos internacionais sobre esta temática como, por exemplo, a IVEC Conference (<https://iveconference.org/>). A pandemia de COVID-19, com todos os desafios que apresentou, pareceu legitimar esta busca para um maior e melhor entendimento e uso dos instrumentos virtuais dentro de processos educacionais, mais ainda em contextos transnacionais.

O projeto foi autorizado e apoiado pelas duas instituições. Desta forma, o cronograma de atividades previa para o ano de 2022<sup>6</sup> seis semanas de intercâmbio virtual entre alunos das duas instituições, matriculados nas disciplinas citadas.

O plano de trabalho estabeleceu que os alunos seriam convidados a realizar diversas atividades de maneira progressiva, começando com a apresentação individual, a troca de experiências de vida e interesses culturais, para chegar a trabalhar juntos sobre temas de relevância social e de interesse comum. Embora o GLE proporcionasse seis semanas de trabalho conjunto entre as duas turmas, cada disciplina manteve seus próprios calendários e critérios de avaliação. Assim, as leituras, atividades e sistemas de pontuação foram organizados de maneira individualizada, garantindo alinhamento com as normativas das respectivas instituições de ensino superior envolvidas.

Uma das primeiras tarefas exigiu dos estudantes a própria apresentação além de suas expectativas com o projeto. Os alunos, portanto, manifestaram suas opiniões a partir de textos de apresentação, imagens e vídeos que foram postados e disponibilizados na plataforma virtual comum entre os participantes (D2L).<sup>7</sup>

A todo momento foram enfatizadas as boas práticas de comunicação intercultural, buscando uma garantia de um ambiente seguro para discussão de temas sensíveis como raça, racismo e migração. Os alunos foram incentivados a refletir sobre as palavras que utilizavam e os estereótipos culturais presentes nos discursos, adotando o princípio do "assume best intentions". Esse cuidado ajudou a evitar desentendimentos, promovendo um diálogo mais empático e produtivo. O interesse e a defesa dos participantes por essa abordagem demonstraram que, mais do que apenas discutir justiça social, o GLE também ensinou como falar sobre ela de maneira respeitosa e construtiva.

A pedido da DePaul University, promotora do intercâmbio virtual, o inglês foi escolhido como a língua principal. Portanto, todos os materiais trocados durante o GLE – tanto os textos quanto os vídeos – foram escritos/gravados em inglês. Isso precisa ser evidenciado até para

---

<sup>6</sup> Do ponto de vista dos calendários acadêmicos, o projeto foi desenvolvido no Fall Quarter (dez semanas entre setembro e dezembro) da DePaul University e no segundo semestre (agosto-dezembro) do Centro Universitário Barão de Mauá. Havia também a possibilidade de realizar uma parceria de oito semanas; todavia, levando em conta as incógnitas e os riscos que toda 'primeira vez' possuem, a decisão tomada foi a de ter seis semanas de intercâmbio.

<sup>7</sup> A D2L, ou Desire2Learn, é a plataforma escolhida pela DePaul University para conectar professores e alunos e ajudá-los a criar experiências de aprendizagem personalizadas. D2L permite a criação de "salas de aula" virtuais, dentro das quais é possível abrir e conservar pastas e documentos, mas também postar mensagens e vídeos, submeter provas e receber avaliação. Uma vez que os estudantes brasileiros também foram cadastrados e receberam acesso a plataforma, esta demonstrou-se um excelente instrumento de troca entre as duas realidades.

ressaltar a vontade e a capacidade dos estudantes brasileiros que se esforçaram para traduzi-los do português para o inglês, às vezes com auxílio dos docentes, outras trabalhando individualmente na tradução dos textos e materiais.

Já na segunda semana, com base nas leituras do curso e visando trabalhar com conceitos e ferramentas que seriam facilmente partilhados, os alunos foram convidados a escolher músicas e filmes relacionados com assuntos relevantes como exclusão social, racismo, brutalidade policial e violência étnica. A música, em particular, provou ser um recurso cultural poderoso e facilmente acessível – a maioria das músicas foram encontradas e trocadas pela plataforma YouTube – que os alunos usaram para compartilhar conteúdo com o resto dos colegas nos dois países. Tal estratégia se revelou propositiva no “emprego da emoção, criatividade e mesmo da subjetividade no desenvolvimento do conhecimento” (Correia, 2010, p.143), permitindo aos estudantes serem ao mesmo tempo promotores e colhedores das sugestões musicais que compuseram a trilha sonora desta experiência de intercâmbio.

Para a terceira semana, o professor Cardoso viajou a Chicago (em retribuição a uma visita do professor Michelangelo a Ribeirão Preto, no mês de agosto)<sup>8</sup> e apresentou vários elementos-chave da identidade e da cultura brasileira aos alunos da DePaul University, por meio de palestras, apresentação de Powerpoint, troca de artigos acadêmicos e conversas informais com os alunos. Entre as outras coisas, o professor brasileiro participou de algumas atividades organizadas pelo Departamento de Antropologia e pelo Global Engagement and Online Learning Office da DePaul University. Como parte integrante das tarefas a serem realizadas pela disciplina “Race, power and resistance”, e que foram objeto da avaliação para determinar o voto final de cada estudante, os alunos norte-americanos deveriam produzir um texto comentando e discutindo a apresentação do professor brasileiro.

Já na semana próxima, os alunos da DePaul discutiram os diferentes significados dos grupos representados como “minorias” nos dois países (evidenciando como o próprio termo ‘minorias’ tenha muitas vezes valor social e simbólico mesmo não tendo valor ‘numérico’)<sup>9</sup>. Enquanto isso, os alunos brasileiros aproveitaram a semana de feriados (apenas no Brasil) para

---

<sup>8</sup> É preciso destacar que as atividades do GLE foram iniciadas simultaneamente, porém, os calendários das duas instituições são diferentes. Enquanto a instituição brasileira organiza suas atividades de forma semestral (agosto – dezembro), a estadunidense o faz considerando trimestres (setembro – dezembro). Portanto, em agosto, mesmo que o professor Michelangelo não tivesse iniciado prontamente as atividades no GLE com a turma na DePaul, as aulas já haviam começado no Brasil e o projeto já havia sido apresentado aos estudantes de Ribeirão Preto.

<sup>9</sup> Cabe ressaltar que em quanto nos Estados Unidos a população afro-americana representa acerca de 14% da população total (<https://www.census.gov/quickfacts/fact/table/US/IPE120223>), no Brasil a população afrodescendente constitui a maioria (<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/>), mesmo sendo frequentemente considerada – e considerando-se – como uma ‘minorias’.

realização de atividades de escrita e produção de texto sobre as atividades do GLE. A comparação cultural propunha não apenas identificar as diferenças e semelhanças entre os números apresentados e as realidades dos dois países, mas como tal configuração étnico-racial, identitária, de gênero, religiosa, etc., produziu realidades diferentes em ambas as culturas.

Na quinta semana, os instrutores focaram na importância do uso político da linguagem e de palavras específicas, e em como isso contribuiu para tornar a discussão sobre raça e etnia ainda mais complexa. Termos-chave como “afro-americano”, “latino/a” e “asiático” na sociedade norte-americana (Rear, 2017; Lacomba, 2020), e “nordestino”, “pardo” e “indígena” (Gomes, 2005; Funari, 2016) para a sociedade brasileira foram cuidadosamente abordados e discutidos. Os alunos também leram as produções dos colegas na plataforma e comentaram esses trabalhos (oralmente em aula e na própria plataforma por escrito). Entre outras coisas, as duas turmas conversaram bastante a respeito das palavras controversas e até ‘proibidas’ ou, melhor, hoje em dia proibidas ou autorizadas somente para aquela parcela da população que historicamente sofreu o racismo veiculado por estas palavras. O exemplo principal disso foi o uso histórico e contemporâneo da assim chamada ‘N-word’ nos Estados Unidos, confrontada com situações mais ou menos parecidas presentes no vocabulário cotidiano do português brasileiro.

Por fim, na sexta e última semana, alunos e instrutores concordaram em organizar um encontro síncrono pela plataforma Zoom para falar sobre a experiência do intercâmbio cultural, seus desafios e os aprendizados. A reunião durou aproximadamente uma hora e os instrutores atuaram como tradutores quando necessário. Foram reconhecidos ganhos culturais e desafios linguísticos, bem como o desejo compartilhado de voltar a participar em experiências semelhantes. Foram diversos os motivos que levaram à escolha de organizar alguns encontros em momentos síncronos dentro de um contexto que teve que ser, principalmente, assíncrono. Certamente, a existência de fusos horários e a questão da logística foram um desafio importante: como os alunos estavam em países diferentes, os encontros assíncronos permitiram maior acessibilidade, possibilitando que todos participassem independentemente das diferenças de horário e das outras atividades desenvolvidas fora do contexto acadêmico (trabalho, cuidado de familiares, etc.). Em segundo lugar, o formato assíncrono ofereceu espaço para que os alunos lessem, analisassem e respondessem às discussões com mais profundidade, podendo gerenciar de maneira autônoma o tempo para assistir vídeos, ler textos e refletir sobre as questões propostas. Em terceiro lugar, a interação e o dinamismo na plataforma D2L foram essenciais para promover diálogos diretos, esclarecer dúvidas e fortalecer a conexão entre os participantes,

apesar da distância física e temporal. E, por último, a diversidade de aprendizado permitida pela combinação dos dois formatos (síncrono e assíncrono) atendeu a diferentes estilos de aprendizagem e questões internas de cada aluno, equilibrando discussões imediatas e momentos de análise crítica individual. Este (des)equilíbrio entre assíncrono e síncrono garantiu que o projeto fosse inclusivo, interativo e eficaz, respeitando o ritmo de aprendizado de cada estudante e maximizando o impacto da experiência intercultural.

Ao todo, na primeira versão deste intercâmbio virtual (2022), contabilizamos quatro grupos de atividades e interações de natureza assíncrona<sup>10</sup>: divididas entre 1) Auto apresentação dos estudantes envolvidos e com respostas (44 apresentações com 26 respostas diretas e 71 visualizações), 2) os textos indicando músicas/filmes sobre racismo com comentários de ordem pessoal (41 apresentações com 4 interações diretas e 45 visualizações), 3) textos e vídeos dos grupos dos alunos sobre racismo, comparando as duas sociedades (4 apresentações de textos, provenientes de grupos formados por alunos brasileiros e 4 vídeos e 4 textos dos alunos norte-americanos assistidos e lidos em sala brasileira pelo professor Cardoso) e, por fim, 4) o relatório final. Quanto às interações síncronas, citamos a aula do professor Michelangelo para os alunos brasileiros realizada em agosto, antes do GLE começar de fato para os dois países, a aula do professor Cardoso para os alunos norte-americanos no meio do intercâmbio, realizada na segunda semana de outubro, e o encontro síncrono virtual, finalizando a atividade com todos os alunos.

8

Em setembro de 2023 a assessoria de imprensa do Centro Universitário Barão de Mauá publicou texto relatando as atividades. Nele, podemos verificar algumas falas dos alunos brasileiros e os registros pessoais por eles encaminhados. Segundo a aluna Letícia Rodrigues houve um susto inicial que se transformou em entusiasmo e grande aprendizado:

Fiquei um pouco assustada quando chegaram com a proposta, pelo fato de realizar o projeto com uma universidade de outro país. Mas, quando o Prof. Michelangelo veio de Chicago para uma aula, logo percebi que seria uma experiência enriquecedora. Participei das aulas com o Prof. Cardoso, realizei leituras e trabalhos, conheci a cultura e a visão dos colegas da DePaul. Foi extremamente interessante (Relato da aluna Letícia Rodrigues, disponível em: <https://www.baraodemaua.br/noticias/certificacao-do-global-learning-experience>. Acesso em: 22 set.2023).

Outra fala que caminha nessa direção pode ser observada pela aluna Jade Silva, colega de sala de Letícia. Em seu relato, percebemos que os alunos foram convidados a trabalhos desafiadores, dado os diversos desafios experimentados:

---

<sup>10</sup> Os dados relatados aqui em seguida não incluem as conversas e discussões em sala da aula, originadas pelos posts compartilhados por meio da plataforma D2L.

Tive a oportunidade de encerrar esse ciclo com o programa de intercâmbio chamado Global Learning Experience, que carinhosamente chamamos de GLE. Estou feliz e honrada por ter participado da primeira turma desse projeto. Por meio dele, os alunos saíram da zona de conforto. Precisamos pensar ainda mais no próximo, em sua cultura, seus hábitos, para que não fôssemos contra seus princípios e desrespeitosos de alguma forma (Relato da aluna Jade Silva, disponível em: <https://baraodemaua.br/noticias/intercambio-entre-instituicoes>. Acesso em: 22 set.2023).

Nos dois casos, as alunas reforçam os ganhos que os professores esperavam na produção do projeto, porém, indicam alguns desafios, a saber: a decisão do uso da língua inglesa como oficial para o projeto e suas complicações para os alunos brasileiros; as diferenças dos fusos horários e as dificuldades para construção de agenda para encontros e reuniões síncronas; os desafios tecnológicos para acesso dos alunos brasileiros ao LMS (Learning Management System) – a plataforma D2L, da universidade norte-americana; o fato de que alunos de diferentes países leriam textos diferentes provenientes de disciplinas e professores também diferentes, ainda que com temas correlatos; o mesmo pode ser visto quanto as formas de avaliação diferentes, com critérios próprios para produção de nota, haja vista que os componentes curriculares participam de cursos distintos; além da vigilância saudável e constante do comportamento e da escrita dos alunos em função do tema gerador para o intercâmbio ser bastante sensível – “as questões étnico-raciais”.

9

O que se viu foi o grande engajamento dos alunos nas atividades e a validação do projeto diante das premissas de empatia e respeito – bases do GLE. As produções norte-americanas, em vídeos e em textos, corroboram a visão dos alunos brasileiros, assim como mostraram os comentários coletados ao fim do curso. Respondendo perguntas específicas sobre o intercâmbio, Jake – estudante de ciências da computação – comentou:

I liked the virtual meetings that were done over the course of the quarter and the topics that we discussed because it was very interesting getting to know what happens in Brazil compared to what happens here in the U.S.; in addition meeting Professor “Cardoso” ... and some of the Brazilian students was really nice and they all greatly contributed to the GLE.<sup>11</sup>

Uma resposta parecida foi construída pela Aisha, estudante de marketing, a qual ressaltou – entre outras coisas – a importância da visita do professor Cardoso e, por meio disso, a possibilidade de interagir pessoalmente e diretamente com o representante dos parceiros brasileiros:

---

<sup>11</sup> Tradução dos autores para o português: “Eu gostei das reuniões virtuais que aconteceram ao longo do trimestre e dos temas que discutimos, porque foi muito interessante conhecer o que acontece no Brasil em comparação com o que acontece aqui nos EUA; além disso, conhecer o Professor Cardoso... e alguns dos estudantes brasileiros foi muito agradável, e todos eles contribuíram bastante para o GLE.”

I also enjoyed when Professor Cardoso came to Chicago for one week and gave a lecture, which was really nice of him to do and I enjoyed every minute of it as I was very much engaged in what he was saying and as a result, I would say that a lot of what he said stuck with me. This experience was very informative and fun that I got to know a lot about Brazil and despite both the U.S and Brazil being two different countries, there's actually a lot we have in common.<sup>12</sup>

Claramente, os alunos norte-americanos também fizeram críticas – esperadas e construtivas – a respeito de algumas das atividades desenvolvidas e, mais em geral, da construção do intercâmbio. Maria, estudante de teatro, ressaltou como ela teria esperado uma maior interação dos estudantes durante os encontros virtuais:

I wish there was a little more verbal interaction with the Brazilian students, particularly in the virtual meetings. This isn't to say that the discussion posts didn't help, because it, in fact, did help a lot just discussing relevant topics as well as commenting on other students' posts and them doing the same. But I would maybe have wanted a "face to face" interaction where I'm able to actually talk to them through the zoom meetings, like breakout rooms, for example. I thought there will be something like that before I began the GLE, but it turns out there wasn't all the time...<sup>13</sup>

Uma avaliação parecida com aquela do Dom, estudante de sociologia e, também, presente na DePaul University como parte de um intercambio universitário:

I was expecting to get to know some of the Brazilian students more... I understand that a lot of the Brazilian students couldn't make it to the virtual meetings due to work in the mornings and that's totally fine because of a different culture there. But I just thought that there would be more interaction and I would maybe take the time to make that suggestion here.<sup>14</sup>

10

Como acontece com toda experiência inicial, os comentários positivos deixaram felizes os organizadores, mas foram as críticas, principalmente construtivas, as que permitiram refletir sobre o que foi feito e planejar os futuros intercâmbios com mais experiência, competência e atenção.

---

<sup>12</sup> Tradução dos autores para o português: “Eu também gostei quando o Professor Cardoso veio a Chicago por uma semana e deu uma palestra, o que foi muito gentil da parte dele, e eu aproveitei cada minuto, pois estava muito envolvido com o que ele dizia e, como resultado, diria que muito do que ele falou ficou comigo. Essa experiência foi muito informativa e divertida, e eu pude aprender bastante sobre o Brasil e, apesar dos EUA e do Brasil serem dois países diferentes, na verdade temos muito em comum.”

<sup>13</sup> Tradução dos autores para o português: “Eu gostaria que tivesse havido um pouco mais de interação verbal com os estudantes brasileiros, especialmente nas reuniões virtuais. Isso não quer dizer que os fóruns de discussão não tenham ajudado, porque na verdade ajudaram bastante ao discutir temas relevantes e comentar nas postagens dos outros estudantes, e eles fazendo o mesmo. Mas talvez eu tivesse desejado uma interação mais 'cara a cara', onde eu pudesse realmente conversar com eles nas reuniões pelo Zoom, como em salas separadas, por exemplo. Eu achava que haveria algo assim antes de começar o GLE, mas acabou que nem sempre teve...”

<sup>14</sup> Tradução dos autores para o português: “Eu esperava conhecer melhor alguns dos estudantes brasileiros... Entendo que muitos deles não conseguiram participar das reuniões virtuais por causa do trabalho pela manhã, e isso é totalmente compreensível devido à cultura diferente de lá. Mas eu só achei que haveria mais interação, e talvez aproveite este momento para fazer essa sugestão aqui.”

## AS MUDANÇAS PARA 2023 E O APROFUNDAMENTO DAS QUESTÕES TEÓRICAS

Em função dos objetivos conquistados com o intercâmbio na edição 2022, os dois professores se reuniram com as lideranças das respectivas instituições para dialogar sobre o interesse pela continuação e possibilidades de alteração da prática, uma vez que tais mudanças reflitam processos de melhoria da atividade.

Ainda em outubro de 2022, em reunião com GianMario Besana, Rosi Leon e Emily Kraus (responsáveis pelo Global Engagement and Online Learning Program da DePaul University), Michelangelo Giampaoli e Rafael Cardoso expuseram a alegria pela percepção de que os alunos desenvolveram habilidades e competências esperadas pelo programa, relatando também algumas das questões levantadas pelos alunos a respeito da organização das atividades. Em resposta, o professor Besana indicou o desejo de que para o próximo ano mais atividades síncronas poderiam contribuir para a melhor experiência de intercâmbio, promovendo trocas mais frequentes dos alunos para além das percebidas entre alunos-professores e professores-alunos.

Municiados de tal interesse, os responsáveis pelo projeto se reuniram também com a equipe brasileira, em especial, Tiago Fávaro, responsável pela Comissão das relações internacionais do Centro Universitário Barão de Mauá e Felipe Narita, pró-reitor de investigação científica e da Pós-graduação da mesma instituição. Nesta ocasião, no princípio de 2023, ficou acordado entre os participantes que a busca pela sincronicidade era também desejo da IES brasileira. E mais, o professor Felipe sugeriu demarcarmos as práticas do intercâmbio com produções destinadas à apresentação e discussão acadêmica (tal como este texto acabou por se revelar).

Para a experiência intercambista no ano de 2023, tema e objetivos foram mantidos. Não havia motivo para mudanças, levando em conta as avaliações e os feedbacks fornecidos pelos estudantes a respeito dos temas abordados e da maioria das atividades desenvolvidas. Entretanto, incubado como prática inovadora no DDP (Departamento Didático Pedagógico) do Centro Universitário Barão de Mauá e com o intento de responder às sugestões recebidas pelo pessoal do GLE, o projeto sofreu pequenas alterações práticas, promovendo mais encontros síncronos virtuais e ofertando práticas que convidassem, com mais frequência, leitura e comentários dos textos dos colegas internacionais.

Iniciadas na última semana de setembro de 2023, mais uma vez as aulas do intercâmbio virtual apresentaram os envolvidos com textos disponibilizados na plataforma D2L. Um

encontro síncrono foi marcado logo para a manhã do dia 28 (quinta-feira), momento em que os alunos norte-americanos têm agendado para a aula “Race, power and resistance” com professor Michelangelo. Neste momento inicial, ficou registrado durante as atividades chamadas de “icebraker” um espírito colaborativo e significativo, promovendo um cenário em que diversas perguntas dos alunos foram respondidas tanto pelos instrutores quanto comentadas por outros estudantes. A saber, enquanto os alunos norte-americanos fizeram algumas questões de caráter histórico-cultural como: “o que é capoeira?”, “por que o Brasil, sendo um país de dimensões continentais na América do Sul, não carrega história de guerras com os demais países do continente?”, ou ainda, “como é a presença da religião islâmica no Brasil?”, os parceiros brasileiros questionaram assuntos do tipo: “como a sociedade norte-americana lida com o multiculturalismo?”, “como é o sistema de saúde nos EUA?”.

O professor Michelangelo, ao perceber a efervescência das questões e a riqueza desta curiosidade, pediu no final do encontro que os alunos passassem a registrar suas perguntas na plataforma D2L visando mais respostas – e mais articuladas – por parte dos colegas estrangeiros. Desta feita, os professores perceberam importante movimento de uma grande parcela dos alunos para interação e aprendizado, mesmo diante das diferenças culturais e da diversidade linguística. Mesmo que a língua ‘oficial’ do intercâmbio fosse, mais uma vez, o inglês, os alunos brasileiros escreveram em inglês – com tradução em português – e um número significativo de alunos norte-americanos procuraram fazer o mesmo, preparando pequenos textos em português com o auxílio de tradutores disponíveis na Internet, a partir do ‘Google Translate’.

Se na primeira edição, como já foi lembrado, o professor Michelangelo esteve no Brasil em agosto, antes das seis semanas do GLE começar, se apresentando aos alunos e tirando dúvidas sobre o intercâmbio, para 2023, a proposta foi organizada para que o professor encontrasse fisicamente os alunos brasileiros apenas na última semana de novembro, de maneira a poder discutir com os alunos os resultados do intercâmbio e não apenas suas premissas. Sobre a ida do professor Cardoso para Chicago, podemos também identificar uma diferença importante. No ano de 2022, o professor ofereceu uma palestra sobre a(s) identidade(s) brasileira(s) aos alunos norte-americanos que pouco sabiam sobre a complexidade da construção demográfica e social do Brasil, seguida de um Q&A (“Questions and Answers”). Já na versão 2023, o projeto alterou para que a palestra – com poucas alterações no conteúdo, principalmente devidas aos comentários e perguntas feitas por alunos do ano anterior – ocorresse na terça, 10 de outubro, e seu retorno para dúvidas e perguntas na quinta-feira, com a dupla vantagem de

oferecer mais tempo para a fala do professor Cardoso e uma aula inteiramente dedicada às perguntas dos estudantes e outras considerações sobre o tema tratado.

Estas mudanças ajudaram a alterar o engajamento dos alunos, organizaram melhor o cronograma e permitiram à antecipação dos alunos a temas fundamentais para o intercâmbio. Aos brasileiros, por exemplo, compreender a realidade norte-americana como multicultural e não apenas centrada na questão da violência à comunidade afro-americana, tema que mais de qualquer outro ocupa as primeiras páginas (reais e virtuais) das mídias nacionais e, conseqüentemente, desperta interesse em outros países, como o Brasil; enquanto aos norte-americanos, a curiosidade sobre o racismo estrutural brasileiro e suas particularidades articuladas a violência simbólica encontrou mais tempo para obter respostas, explicações, comparações históricas e sugestões de leitura.

Um segundo encontro síncrono (19 de outubro às 11h40, horário de Ribeirão Preto e 9h40 em Chicago), oportunizou discussão sobre o uso do termo “latino/a” nos dois países. Naquele encontro, registrou-se inicialmente a dificuldade em reconhecer e enquadrar o campo étnico “latino” na visão dos dois países, uma vez que, para os estudantes estadunidenses, a categoria “Latino/a” (frequentemente considerada sinônimo de “Hispanic”) é utilizada principalmente para identificar pessoas de origem centro e sul-americana, apresentando forte associação à língua espanhola. O que não incluiria, desta forma, os brasileiros. Na visão dos estudantes brasileiros, não há um compartilhamento total da herança hispânica entre os países latino-americanos, o que gera uma distinção cultural e linguística – mesmo que reconheçam a força da América Latina na cultura brasileira. Ao cabo, discutiu-se as conseqüências, para os brasileiros migrantes aos EUA, ao se reconhecerem ou não como ‘latinos’ devido à categorização social ao mesmo tempo imposta e espalhada pelos canais oficiais (censo, mídia, publicações acadêmicas) e, como tal, recebida de maneira geralmente bastante acrítica pela população que usa diariamente esta e outras categorias para identificar si mesmo e o outro dentro do contexto multicultural dos Estados Unidos.

No final, ao observarmos mais uma vez os comentários e os discursos dos estudantes envolvidos, podemos perceber o campo de transformações oportunizado pelo projeto. Luqman, um dos estudantes da DePaul registrou:

... while my knowledge of Brazil is very limited, i do know that the country loves futbol or soccer. i also have a slight knowledge of life in the favelas and gang influence among the youth. while i do know very little about brazil, i would like to know more about its education system. it seems as i grow older the most interesting thing to me is the difference in education systems around the world. coming from a

palestinian family i remember countless stories from my dad about exams he had to take and the major impact it would have on his future life.<sup>15</sup>

Na perspectiva de muitos estudantes, o encontro com o “outro”, aquele imaginado e representado pela mídia, filmes, músicas, foi contrastado. O depoimento do estudante evidencia a ampliação da compreensão intercultural e o estímulo à curiosidade sobre realidades além dos estereótipos. Se de início sua percepção sobre o Brasil se restringia ao futebol e às favelas, ao longo do projeto, demonstrou interesse em explorar aspectos mais estruturais, como o sistema educacional. Esse deslocamento do olhar reflete o impacto da experiência na construção de um pensamento mais crítico e informado sobre outras sociedades.

Além disso, o estudante estabelece um paralelo com sua própria origem palestina, conectando as experiências educacionais de seu pai à sua curiosidade sobre o Brasil. Esse movimento de comparação demonstra um amadurecimento na percepção global e reforça o papel do GLE como um espaço que não apenas fornece informações, mas estimula reflexões profundas, questionamentos e diálogos significativos entre os participantes.

Em outro exemplo, desta vez produzido por Sarah, uma estudante brasileira, podemos verificar mais movimentos importantes:

O GLE foi muito importante para que compreendêssemos algumas características culturais não somente dos estadunidenses, mas também de outras nacionalidades - visto que alguns colegas do intercâmbio nasceram em outros países -, além de favorecer a leitura e escrita do idioma inglês e o aprofundamento da discussão acerca da diversidade. Por isso, considero que essa experiência, mesmo que virtual, contribuiu muito com a nossa formação acadêmica e merece ser oferecida aos outros estudantes do curso.

14

Ao destacar que a experiência GLE permitiu conhecer não apenas a cultura dos estadunidenses, mas também de colegas de outras nacionalidades, Sarah nos oferece informação valiosa: o aprendizado foi além da simples troca bilateral entre Brasil e EUA, pois ampliou sua percepção sobre a diversidade global, graças ao multiculturalismo a cada dia mais presente nas instituições de ensino superior norte-americanas. Esse reconhecimento reforça a ideia de que o contato intercultural, mesmo em um ambiente virtual, pode gerar impactos significativos na forma como os estudantes interpretam e interagem com o mundo ao seu redor, tal como sustenta o projeto.

---

<sup>15</sup> Tradução dos autores para o português: "Embora meu conhecimento sobre o Brasil seja muito limitado, sei que o país ama futebol (*futbol* ou *soccer*). Também tenho um conhecimento superficial sobre a vida nas favelas e a influência de gangues entre os jovens. Apesar de saber muito pouco sobre o Brasil, gostaria de aprender mais sobre seu sistema educacional. Parece que, à medida que envelheço, o que mais me interessa são as diferenças entre os sistemas educacionais ao redor do mundo. Vindo de uma família palestina, lembro-me de inúmeras histórias do meu pai sobre os exames que ele teve que fazer e o grande impacto que isso teve em sua vida futura."

Além disso, seu relato ainda aponta para o desafiador uso do inglês e a expansão de suas competências na língua. Esta fala produz efeito significativo a um possível receio de que o idioma fosse barreira para as atividades na visão dos estudantes da Barão de Mauá. Por fim, ao reconhecer o valor dessa experiência para a formação acadêmica, Sarah sugere que o GLE não é apenas uma atividade complementar, mas uma oportunidade de transformação educacional que deveria ser oferecida a mais estudantes, reforçando sua relevância dentro da universidade.

Fica evidente nos dois primeiros testemunhos que o GLE proporcionou um espaço de aprendizado ativo, por meio da troca de experiências e de reflexão sobre diferentes culturas. Dessa forma, o relato de Sarah reforça que a experiência do intercâmbio virtual foi além das discussões acadêmicas e se fez, segundo a aluna, instrumento de empoderamento intelectual e formação cidadã.

Um último relato ainda nos chamou a atenção:

...the journey from the Civil Rights Movement to modern day “Black Lives Matter” has seen a shift in voices but a consistent and unwavering message for racial justice and change. Through the lens of two powerful songs, *Blowin’ in the Wind* and *Alright*, we explored the significance of their lyrics and the roles that they played in their respective movements. These songs underscore the lasting power of music as a tool for social change, highlighting the ongoing struggle for racial justice and equality. The voices may evolve, but the message persists—a call for a fairer world.<sup>16</sup>

Este relato, escrito por Allyn, Asher, Bella e Diana – quatro alunos da DePaul University – demonstra interesse pela compreensão “além da superfície” dos fatos que envolvem os movimentos sociais e suas lutas por justiça étnico-racial nos dois países, com suas similitudes e diferenças. Evidencia a conquista de um dos nossos objetivos, a capacidade de relacionar movimentos sociais ao longo do tempo e identificar padrões de resistência e transformação. Ao traçarem paralelo entre o Movimento pelos Direitos Civis dos anos Sessenta e Setenta e o movimento contemporâneo Black Lives Matter, os estudantes reconhecem que, apesar das mudanças percebidas nos movimentos, a mensagem essencial – a busca por justiça racial – permanece a mesma (reconhecendo conseqüentemente que muitos dos problemas e das questões permanecem os mesmos).

---

<sup>16</sup> Tradução dos autores para o português: “...a jornada do Movimento pelos Direitos Civis até o atual *Black Lives Matter* testemunhou uma mudança nas vozes, mas uma mensagem consistente e inabalável em favor da justiça racial e da mudança. Através da análise de duas músicas poderosas, *Blowin’ in the Wind* e *Alright*, exploramos o significado de suas letras e os papéis que desempenharam em seus respectivos movimentos. Essas músicas ressaltam o poder duradouro da música como uma ferramenta de transformação social, destacando a contínua luta por justiça racial e igualdade. As vozes podem evoluir, mas a mensagem persiste — um chamado por um mundo mais justo.”

O uso da música como ferramenta analítica foi retomado pelo grupo como ponto importante do depoimento. Ao analisarem as letras de *Blowin' in the Wind* (Bob Dylan) e *Alright* (Kendrick Lamar), os estudantes demonstram mais uma vez que a música é, para além de elemento cultural revelador do contexto sociopolítico de cada época, um instrumento ativo de resistência e mobilização social. Ao selecionarem estas canções, revelaram como diferentes gerações expressaram suas demandas por equidade e como músicas do passado ainda possuem valor na atualidade, oportunizando que o grupo refletisse sobre a natureza não episódica da luta por justiça étnico-racial.

Além disso, o relato sugere olhar menos inocente frente às estratégias de resistência destes grupos denominados minoritários e o papel destas vozes na contemporaneidade. Dessa forma, o GLE não apenas permitiu que os alunos conectassem passado e presente, mas também os incentivou a refletir sobre o impacto das narrativas culturais na luta por um mundo mais justo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto, o projeto, principalmente no segundo ano em que foi realizado, combinou interações síncronas e assíncronas e oportunizou tanto a troca de visões culturais específicas quanto o desenvolvimento de diversas habilidades e competências.

A princípio, percebemos logo na primeira etapa, destinada às apresentações (icebreakers), momento especial em que os estudantes e os professores compartilharam suas apresentações pessoais em inglês, incluindo textos, imagens e vídeos, o estabelecimento de conexões linguísticas, culturais (incluindo reflexões sobre a alteridade) e acadêmicas entre os participantes fundamentais para o diálogo respeitoso e o trabalho crítico posterior. Reiteramos como a clareza na definição dos objetivos e do caminho para alcançá-los e, mais ainda, a insistência na necessidade de levar em conta e ponderar possíveis mal-entendidos linguísticos e culturais foram fundamentais para o sucesso de todas as iniciativas.

Outro ponto de destaque está no uso de algumas formas de arte como ponto de encontro entre as culturas. Os estudantes analisaram músicas, vídeos musicais e filmes relacionados à exclusão social, racismo e violência interétnica, tanto em inglês quanto em português. A música serviu como uma ferramenta cultural poderosa, capaz de comunicar mensagens complexas apesar e além das diferenças linguísticas, e promover leituras críticas sobre a necessidade de mudanças sociais, principalmente naqueles contextos periféricos nos quais muitos jovens raramente conseguem ter a oportunidade de chegar até uma universidade. Pontuamos que a

comparação entre as experiências de minorias (reais e percebidas como tais) nos dois países, destacou particularmente os desafios historicamente e estruturalmente enfrentados por comunidades afro-americanas e, mais ainda, populações indígenas.

Entendemos que os participantes debateram termos específicos como “afro-americano”, “latino/a” e “pardo” e, juntos aos docentes, perceberam a necessidade de atentar para a dimensão sócio-histórica e linguística das palavras, verificando a carga histórica e a efetiva conexão delas com a realidade contemporânea, contribuindo assim para tornar as discussões sobre raça e etnia mais complexas e completas. Neste caso, o tema da pouca (ou nenhuma) atenção prestada pela mídia – e até por muitas instituições de ensino superior – à conceptualização e discussão profunda desses termos foi recebido pelos alunos como uma responsabilidade que eles também têm, hoje, diante das futuras gerações.

Por fim, durante a última semana de cada um dos dois intercâmbios, estudantes e professores participaram de um encontro virtual para finalizar e discutir as experiências do projeto, reconhecendo em ambos os contextos tanto os ganhos culturais quanto os desafios linguísticos; mais importante de tudo, foi claro o desejo comum de participar de iniciativas semelhantes no futuro. Estudantes relataram que a experiência os ajudou a ampliar suas perspectivas sobre questões sociais e históricas nos dois países, colocando-os numa posição mais confortável para pensar, pedir e promover outras possíveis iniciativas neste sentido, dentro e fora das universidades em que estudam. Além disso, todos concordaram que a utilização de ferramentas tecnológicas (D2L, Zoom, Youtube, etc.), muitas das quais de acesso gratuito e de fácil utilização, foi essencial para o sucesso do projeto, facilitando a troca de materiais e a interação entre os grupos.

O projeto “Social Justice Across America(s)” exemplifica como um intercâmbio virtual pode ser uma ferramenta poderosa para promover uma melhor compreensão e colaboração acadêmica em contextos de grande distância geográfica e apesar das diferenças linguísticas. A experiência demonstrou que, mesmo em contextos virtuais em nem sempre síncronos, é possível construir pontes entre culturas e estimular a reflexão crítica de jovens adultos sobre questões sociais relevantes. O êxito das duas edições do projeto pavimenta o caminho para futuras iniciativas capazes de ampliar ainda mais as fronteiras da educação internacional e transcultural, fortalecendo os laços entre as duas instituições envolvidas e estimulando a participação de novas parcerias.

## REFERÊNCIAS

CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ. Projeto Pedagógico do Curso de História. Ribeirão Preto: Centro Universitário Barão de Mauá, 2022. 75 p.

CORREIA, M. A. A função didático-pedagógica da linguagem musical: uma possibilidade na educação. *Educar*. Curitiba, n. 36, . Editora UFPR, 2010, p. 127-145.

DAMATTA, R. O que faz o brasil, Brasil? Editora Rocco: Rio de Janeiro, 1984.

FREYRE, G. Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2006.

FUNARI, P. P.; PIÑÓN, A. As identidades. In: \_\_\_\_\_. A temática indígena na escola: subsídios para os professores. São Paulo: Contexto, 2016. p. 13-28.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil. In: *Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei 10.639/2003*. Brasília: SECAD/MEC, 2005.

GUO-BRENNAN, L. Making virtual global learning transformative and inclusive: a critical reflective study on high-impact practices in higher education. *Journal of Teaching and Learning*, Windsor, v. 16, n. 2, p. 28-49, 2022. DOI: 10.22329/jtl.v16i2.6947. Disponível em: <https://jtl.uwindsor.ca>. Acesso em: 17 jan. 2025.

LACOMBA, C. Hispanics and/or Latinos in the United States: The Social Construction of an Identity. *Estudios del Observatorio/Observatorio Studies*. 065-11/2020EN. doi: 10.15427/OR065-11/2020EN.

MARTINAZZO, C. J.; SILVA, S. P. DA; LUFT, H. M. A atualidade do diagnóstico e da crítica de Darcy Ribeiro (1922-1997) à educação brasileira. *Cadernos de História da Educação*, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 481-495, 2020. DOI: 10.14393/che-v19n2-2020-12. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/54496>. Acesso em: 12 out. 2023.

REAR, D. Reframing the Debate on Asian Students and Critical Thinking: Implications for Western Universities. *Journal of Contemporary Issues in Education*. (2017). 12. 10.20355/C5P35F.

RIBEIRO, D. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Global Editora, 2014.

WASELFISZ, J. J.; ATHIAS, G. Mapa da violência de São Paulo. Brasília: Unesco, 2005.